

Para uma possível fundamentação do “morar”: espaços, discursos e subjetividades

Carlos Eduardo Ribeiro 24/09/2011.

Docente – Filosofia

A Héstia o interior, o recinto, o fixo, a intimidade do grupo em si mesmo; a Hermes, o exterior, a abertura, a mobilidade, o contato com o outro. Pode-se dizer que o casal Hermes-Héstia exprime, em sua polaridade, a tensão que se observa na representação arcaica do espaço: o espaço exige um centro, um ponto fixo, com valor privilegiado, a partir do qual se possam orientar e definir direções, todas diferentes qualitativamente. O espaço porém se apresenta, ao mesmo tempo, como lugar do movimento, o que implica uma possibilidade de transição e de passagem de qualquer ponto a outro” (VERNANT, p. 194)

O que é, enquanto indivíduo, morar com os outros? Na história do pensamento antigo grego a *oikonomía* dizia respeito ao conjunto de regras, normas e condutas que serviam para a direção e organização da casa. No entanto, segundo o homem antigo, tal espaço não pode ser compreendido simplesmente como o abrigo de uma família, tal como entendemos na modernidade enquanto espaço de posse de um proprietário juridicamente constituído. O “*oikos* não é simplesmente constituído pela casa propriamente dita; também comporta as terras e os bens, em qualquer lugar em que se encontrem (mesmo fora dos limites da cidade)[...]”. (FOUCAULT, 1984, p.138). Isso, de fato, faz pensar: qual o sentido de morar para os gregos? Trata-se, na verdade, de um espaço no qual “toda uma esfera de atividades” orientavam um “estilo de vida e uma ordem ética”. (FOUCAULT, 1984, p. 138). Tal ordem ética e estilo de vida diziam respeito aos papéis complementares que os esposos desempenhavam na organização da vida comum. A *koinōnia* não era uma “relação dual entre os dois indivíduos”, mas a “mediação de uma finalidade comum que é a casa: sua conservação, como também a dinâmica de seu crescimento” (FOUCAULT, idem). Os papéis que assumem os cônjuges estarão ligados a toda uma preocupação de como cuidar, de forma compartilhada, do “teto” quem, como explicita Foucault:

“determina uma região externa e uma região interna, uma das quais concerne ao homem e a outra constitui o lugar privilegiado da mulher; *mas ele é também o lugar onde se junta, acumula e conserva o que foi adquirido; abrigar é prever para distribuir no tempo, de acordo com os momentos oportunos*. Fora, haverá, portanto, o homem que semeia, cultiva, labora e cria o gado; ele traz para casa o que produziu, ganhou ou trocou; dentro, a mulher recebe, conserva e atribui na medida das necessidades”. (FOUCAULT, 1998, p. 141, grifo nosso).

Longe de estar associado a uma visão sexista da distribuição do espaço doméstico, o *oikos* é para o homem antigo um espaço de problematização/organização da vida comum segundo as diversas necessidades que se impunham aos seus organizadores. Se há uma repartição de tarefas entre esposos, a divisão se liga a papéis que são complementares e não a divisões rígidas entre os sexos; divisão em que “a ausência de um tornaria o outro inútil” (FOUCAULT, 1984, p.141-142). No principal escrito grego que dispomos a respeito desse sentido do morar, a *Econômica*, de Xenofonte, lemos uma exclamação bastante significativa a esse respeito: “Que teria eu para conservar, diz a mulher, se não estivesse lá para cuidar de trazer de fora algumas

provisões?"; ao que o esposo responde: "se ninguém estivesse aí para conservar o que foi trazido para a casa, "eu seria ridículo, como essa gente que joga água num vaso sem fundo" (XÉNOPHON, *Économique*, VII, 39-40, apud. FOUCAULT, 1984, p. 142).

Todo espaço físico compartilhado, com efeito, pode ser compreendido como uma complexa prática de discursos que conduzem a formas de problematização de nós mesmos, isto é, práticas que encerram formas de subjetividade. Ao inspirar-se no exemplo da *oikonomía* grega, é todo um estilo de vida e uma ordem ética que precisam ser pensados quando elaboramos arquitetonicamente um modo de morar. No limite, espaços, discursos e subjetividades formam uma exigência fundamental: como conduzir a mim mesmo na relação espaço-discursivo no cuidado com o outro? Ou então, se os espaços são ordens discursivas, como organizá-las na expectativa de que elas orientem práticas libertadoras de nós mesmos?

Sabemos que o ponto histórico que se opõe a essa pergunta encontra-se formulado no aparecimento dos grandes espaços institucionais-totais estabelecidos na modernidade. Quando, por exemplo, Foucault estuda a prisão em *Vigiar e Punir*, para ele tal sistema não representou uma função autônoma, mas está vinculado ao desejo de fazer valer a disciplina para todo o corpo social. Por esse caminho, no contexto das reformas do aparelho penal do século XIX, entram em cena os *poderes laterais* que colaborarão com o poder judiciário na tarefa de julgar a todos. Poderes que acabam por inventar uma série de espaços-instituições, em torno da instituição judiciária, que enquadrarão a pessoa no decorrer de sua vida: o hospital, o asilo, a polícia, a escola, cada qual, na lógica de um controle eficiente, produzem seus sujeitos: o doente na clínica, o louco no manicômio, o delinqüente-perigoso para o aparelho policial, o aluno indisciplinado para a escola.

Numa palavra: morar com os outros exige reflexão, uma atitude de volta sobre nós em relação ao Outro. A vida no espaço em comum que se queira distinta dos espaços de subjetividade revertida em assujeitamentos, a ela impõe-se a profícua problematização ética: por quais meios a vida no espaço comum pode configurar-se como um cuidar de si e dos outros? Mas oferecer um conjunto de regras, previamente definidas, incorreria justamente no paradoxo de fazer frustrar a possibilidade mesma de refletir a gestão do espaço compartilhado. Se por princípio, pois, não há regras e fórmulas a serem definidas quanto a isso, são os sentidos e valores de uma *arquitetura da responsabilidade* que poderão ofertar valiosas pistas em direção aos modos de gestão do espaço de uma moradia estudantil.

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. Graal: Rio de Janeiro, 1998.

VERNANT, J.P. Héstia e Hermes. Sobre a expressão religiosa do espaço e do movimento entre os gregos. In: *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. Tradução de Haiganuch Sarian. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1990.